



O FACEBOOK NA PRÁTICA DE ENSINO: CONECTANDO AMBIENTES DE APRENDIZAGEM

Daniele Santana de Melo¹
Adriana Alves Novais Souza²

GT5- Educação, Comunicação e Tecnologias

Resumo

O artigo apresenta o Facebook como uma arquitetura favorável ao processo de aprendizagem, pois possibilita a interação entre estudantes e permite a ampliação dos espaços de aprendizagem. Os dados apresentados são oriundos de uma dissertação de Mestrado que utilizou o Facebook como ambiente de aprendizagem, propondo e discutindo as possibilidades de uso da rede social online como extensão da prática de ensino presencial, promovendo um imbricamento entre estas e quebrando a tradicional dicotomia presencial *versus* a distância, explorando assim a diversidade de informações e conteúdos disponíveis na internet, dentre os quais muitos foram pensados para fins pedagógicos, o que garante a qualidade e a validade das informações.

Palavras-chave: Rede social; Facebook; Aprendizagem em rede.

Abstract

The article presents Facebook as an architecture favorable to the learning process, since it allows the interaction between students and allows the expansion of learning spaces. The data presented come from a Master's thesis that used Facebook as a learning environment, proposing and discussing the possibilities of using the online social network as an extension of the practice of face-to-face teaching, promoting an imbrication between them and breaking the traditional face-versus-face dichotomy. the distance, thus exploiting the diversity of information and content available on the internet, among which many were designed for educational purposes, which guarantees the quality and validity of information.

Keywords: Social network; Facebook; Networking learning

¹ Mestra em Educação- UFS; Especialista em Mídias na Educação-UFS; Membro do Gepied-UFS. danimelo7@gmail.com.

² Mestra em Educação pela Universidade Federal de Sergipe; Especialista em Mídias na Educação- UFS; Professora da Rede Estadual de Sergipe. dria.novais.souza@gmail.com.



1. INTRODUÇÃO

Há pouco menos que uma década, observa-se uma grande expansão da internet, propiciada pelos avanços de sua segunda geração, a web 2.0, que transformou os indivíduos de meros consumidores de informação a produtores de conteúdos e conhecimentos, em total interação e colaboração com seus pares. Ainda, promoveu o surgimento de diversos *softwares* e plataformas para trocas sociais interativas, como as redes sociais *online*, que têm possibilitado um enorme fluxo de comunicação instantânea entre pessoas das mais diversas nacionalidades, numa total convergência de tempo e espaço (KERCKHOVE, 2008).

As redes sociais *online* ganharam destaque graças à grande variedade dos chamados *sites* (ou plataformas) de redes sociais, tais como Orkut, Flickr, Twitter, MySpace, Facebook, dentre outros, cujas características pretendem atender a perfis e contextos dos mais diversos usuários, dentre as quais o Facebook se destaca por seu crescimento e liderança nos últimos quatro anos e que, além das mudanças promovidas na inserção de jogos, recursos e outras inovações que têm atraído um maior número de usuários, vem se destacando por sua utilização no trabalho (em 2011, foram 34% dos brasileiros consultados, segundo dados apresentados por Santaella, em 2013) e no âmbito educacional, devido às possibilidades pedagógicas aliadas às facilidades de interação e colaboração.

Em tempos de conexão a todo momento e em qualquer lugar, é preciso adaptar e diversificar os processos formativos, aproveitando-se da interatividade, do compartilhamento de informações e da colaboração favorecida pela internet a partir de sua versão web 2.0. Ao reconhecer as redes sociais *online* como espaços que, embora pensados para trocas interativas, também pressupõem produção de conhecimento, em constante renovação e conexão. Dessa forma, os modelos de transmissão de informação precisam ser renovados, dando lugar à sua construção em outros espaços, de forma interativa, colaborativa, um dos princípios regidos pelo conectivismo (SIEMENS, 2004).

Assim, desenvolveu-se a pesquisa para dissertação de mestrado intitulada “O facebook como ambiente de aprendizagem: uma análise da *praxis* presencial mediada pelo conectivismo pedagógico”, cujo objetivo foi porpor e discutir as possibilidades de uso de práticas *online* como extensão das práticas de ensino presenciais, promovendo um imbricamento entre estas, proposta que vem se tornando comum em práticas pedagógicas que



se utilizam de tecnologias digitais, quebrando a tradicional dicotomia presencial *versus* a distância e explorando a diversidade de informações e conteúdos disponíveis na internet, dentre os quais muitos foram pensados para fins pedagógicos, o que garante a qualidade e a validade das informações.

Aqui neste artigo, será discutido, especificamente, o capítulo da dissertação que trata o Facebook como ambiente conector entre espaços de aprendizagem.

2. A PLATAFORMA DE REDE SOCIAL FACEBOOK

Criada em 2004 por Mark Zuckerberg, um ex-estudante da Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, o Facebook foi pensado para fins sociais de interação e comunicação entre os estudantes desse espaço restrito, mas evoluiu de tal forma que ultrapassou os espaços de Harvard, contagiou alunos oriundos de outras instituições superiores e do ensino médio e, em setembro de 2006, atingiu limites mundiais, ao permitir que pessoas a partir dos treze anos de qualquer lugar do planeta pudessem acessá-la (PAIXÃO, 2011).

O Facebook (originalmente chamado *Thefacebook*) foi criado com a ideia de focar em alunos que estavam saindo do ensino médio e entrando na universidade, visando criar uma rede de contatos para esses estudantes nesse momento particularmente difícil, que muitas vezes significa mudança de cidade, perda de contato com familiares e amigos e certo deslocamento dos grupos de estudantes veteranos. Para fazer parte do sistema, era preciso ser membro de alguma das instituições reconhecidas, inicialmente disponível para os alunos de Harvard [2004] e depois aberto às escolas secundárias [2005] (RECUERO, 2009, p. 172).

Em 2011, a plataforma superou o Orkut, até então com maior número de usuários brasileiros e, em 2012, chegou à marca de 1.060 milhões de usuários ativos por mês. Desse total, 680 milhões utilizam o Facebook via acesso móvel (FACEBOOK, 2012), o que a configura como a plataforma de rede social virtual mais popular do mundo, avaliada atualmente em 3 bilhões de dólares³. Parte desse crescimento deve-se ao fato de permitir que o usuário crie um perfil e obtenha contato com amigos e familiares, com a finalidade de estreitar relações de amizade ou de trabalho.

Os usuários não pagam para utilizar o Facebook, que se mantém pela receita gerada pelos anunciantes e patrocinadores. As contas criadas são individuais e limitadas a pessoas

³ Informações obtidas no site: <http://gnt.globo.com/estilognt/materia.asp?id=580&m=Facebook:-fen%C3%B4meno-mundial>, acessado em 10.04.14.



físicas e, por isso, empresas e organizações não podem ter contas nessa rede social, mas podem ter páginas ou grupos. Para a criação da conta, é necessário possuir uma conta de e-mail válida e a utilização de nomes reais, os quais não podem conter símbolos, números, capitalização incomum, caracteres ou pontuação repetidos, caracteres de diversos idiomas, títulos de qualquer tipo (por ex.: profissional, religioso, etc.), palavras, expressões ou apelidos no lugar de um nome do meio e qualquer tipo de conteúdo ofensivo ou sugestivo (BRESCIA, 2013).

Conforme pesquisa de Amante (2014), dentre as razões que levam as pessoas e, principalmente, os jovens a utilizar o Facebook, destaca-se a necessidade de manter relações já existentes, buscando consolidá-las. A autora evidencia a pulverização entre as fronteiras entre *online* e *offline* promovida nessa plataforma, cujos mundos encontram-se cada vez mais ligados: “para os jovens e adolescentes, a rede social é a continuação da sua vida *offline*. Um e outro mundo são a mesma coisa, coexistem e fundem-se, sem qualquer distinção” (idem, p. 40). Assim, a antiga discussão que acusa o uso de espaços virtuais como culpado pela perda progressiva de interação entre pessoas no espaço físico é refutada, pois muitas relações existentes no Facebook são laços já estabelecidos em outros momentos. Evidentemente, motivos como conhecer outras pessoas, ser divertido, ganhar popularidade, ocupar tempo, expressar-se, dentre outros, também se apresentam como razões, porém em menor frequência.

O Facebook tem sido aperfeiçoado graças às suas “API (Interface de Programação de Aplicação), que permitem que outros softwares se relacionem com seus serviços principais de maneira simples e controlada” (SANTAELLA, 2013, p. 316), favorecendo a circulação de informações e a criação de ambientes onde a interação é constante, implantando uma cultura de participação e convivência onde todos colaboram e cuja evolução depende das exigências impostas pelos próprios participantes e do uso que estes fazem dela. Enfim,

É uma cultura em que seus membros creem que suas contribuições importam e desenvolvem determinado grau de conexão social com o outro, de modo que tem grande relevo aquilo que os demais pensam ou supõe que pensam sobre o que cada um cria, por mais insignificante que seja. Assim, a circulação e a polissemia consolidam-se como características básicas dessa sociedade interconectada em rede (SANTAELLA, 2013, p. 317).

Funcionando num sistema de perfis e comunidades, no Facebook é possível acrescentar aplicativos que permitem personalizá-los, alguns deles criados exclusivamente para o sistema, como apresentado na Figura 1:



Figura 1: Página pessoal de um perfil no Facebook



Fonte: Captura de tela feita pela pesquisadora de sua página no Facebook

Um dos principais recursos diz respeito à inserção de fotos e imagens pessoais, como destacado nas setas 1 e 3. Dados pessoais, jogos e interesses são acrescentados ao perfil e passam a configurá-lo, como aponta a seta 2. É possível determinar gostos e preferências (filmes, músicas, artistas, livros), inserir informações relacionadas à família, estudos, trabalhos, assim como dados autobiográficos, fotografias pessoais e links. Todos os recursos são opcionais e visam ajudar o usuário a estabelecer um perfil que lhe dê visibilidade e não são, portanto, obrigatórios.

O usuário pode procurar pessoas conhecidas e grupos já estabelecidos a partir de suas afinidades, que também compõem sua página pessoal. Basicamente, a página inicial de qualquer usuário do site de rede social apresentará uma série de postagens, suas e de seus contatos, denominado *feed* de notícias, que pode ser alimentado com textos, imagens, vídeos, comentários, etc. Se o usuário curte alguma página, todas as atualizações das páginas curtidas, assim como as atualizações dos seus contatos adicionados aparecerão nessa tela inicial.

Muitas pessoas relutam em inserir dados pessoais no Facebook receando exposição, mas através das configurações de conta pode-se bloquear ou limitar o acesso a fotos, dados e informações pessoais, determinando quem pode ver seu perfil e informações e/ou estabelecer contato. É possível também filtrar as postagens de determinados contatos, selecionando uma aba onde opções como “não quero ver isso” ou “deixar de seguir ...” aparecem.



Para aqueles que acessam constantemente, é possível acompanhar todas as atualizações, mas para os demais, pode parecer muito confuso esse universo de postagens, muitas contendo mensagens consideradas desagradáveis (com pornografia, xingamentos e propagandas). Porém, mesmo em meio ao fluxo de informações é possível realizar postagens direcionadas, bastando marcar as pessoas a quem elas se destinam, pois estas receberão um alerta em seu *feed* de notícias que, ao ser lido, direciona para a postagem devida. Caso contrário, as postagens vão se precipitando de acordo com o fluxo com que vão sendo produzidas.

Outros recursos existentes que facilitam a interação entre os usuários e cujas funcionalidades podem ser apropriadas ao uso do Facebook como ambiente de aprendizagem são: área de arquivos (podem ser carregados do computador do usuário ou diretamente da web); fotos e vídeos (executados diretamente na plataforma); enquetes (muito úteis para a realização de pesquisas de opinião); documento (que inclui a opção de criação de escrita colaborativa - wiki); eventos (permite criar e divulgar um evento ou algum existente) e pesquisa. Além do recurso eventos, que informa data e local destes, convidando os amigos para participarem, existe a função calendário de aniversários, que emite avisos sobre os aniversários dos amigos, um recurso muito importante para a manutenção e aprofundamento de contatos.

O Facebook permite a criação de páginas e de grupos. Páginas foram criadas para pessoas jurídicas, já que estas não podem possuir perfis. Grupos são também páginas, porém com uma funcionalidade diferenciada, pois seus membros podem, além de interagir entre si, inserir informações, dados e realizar atividades diversas nesse espaço. Empregando o conceito de Mattar (2013, p. 118), grupos “são espaços *online* em que as pessoas podem interagir e compartilhar recursos e comentários. É uma maneira de alunos e professores trabalharem em projetos colaborativos”.

Os grupos podem ser fechados, abertos e privados, o que garante a privacidade de seus membros e, tal qual um ambiente de sala de aula, as discussões ficam limitadas aos integrantes da turma. Pode ser criado para fins diversos: discussão acerca de um tema da atualidade, repúdio a alguma medida política, divulgação de receitas culinárias, fã-clubes de algum artista ou pessoa pública, membros de uma determinada instituição, departamentos educacionais, dentre os mais diversos assuntos. Os grupos possuem um administrador, que pode ser o único responsável por sua organização, ou podem ser determinados outros membros para dividirem a tarefa de alimentação de informações, controle de conteúdo e



gerenciamento dos recursos. No quadro 1, destacam-se as principais diferenças elencadas por Brescia (2013) entre grupos e páginas:

Quadro 1: Diferenças entre grupos e páginas no Facebook

	Grupos	Páginas
Descrição	Oferecem um espaço fechado para pequenos grupos de pessoas se comunicarem sobre interesses em comum. Os grupos podem ser criados por qualquer pessoa.	Permitem que organizações, empresas, celebridades e marcas reais se comuniquem amplamente com pessoas que as curtem. As páginas podem ser criadas e gerenciadas somente pelos representantes oficiais.
Privacidade	Além de uma configuração aberta, mais configurações de privacidade estão disponíveis para grupos. Em grupos secretos ou fechados, as publicações ficam visíveis somente para os membros dos grupos.	As informações e publicações da página são públicas e geralmente disponíveis para qualquer pessoa do <i>Facebook</i> .
Público-alvo	Os membros dos grupos devem ser aprovados ou adicionados por outros membros. Quando um grupo atinge certo limite, alguns recursos são limitados. Os grupos mais úteis tendem a ser os únicos criados com pequenos grupos de pessoas que você conhece.	Qualquer pessoa pode curtir uma página para tornar-se conectado a ela e obter atualizações do <i>Feed</i> de notícias. Não há limite de pessoas para curtir uma página.
Comunicação	Em grupos, os membros recebem notificações por padrão quando algum membro publica algo no grupo. Os membros dos grupos podem participar de bate-papos, carregar fotos para álbuns compartilhados, colaborar em documentos dos grupos e convidar os membros que são amigos para eventos dos grupos.	Os administradores podem compartilhar publicações sob o nome da página. As publicações da página aparecem no <i>Feed</i> de notícias de pessoas que curtem a página. Os administradores da página também podem criar aplicativos personalizados para suas páginas e verificar informações de página para acompanhar a evolução e a atividade da página.

Fonte: Brescia (2013, p. 41)

Conforme o quadro, é possível verificar as características intrínsecas aos dois recursos, destacando-se a maior positividade do grupo para fins educacionais e para o uso como ambiente de aprendizagem, conforme será visto no próximo tópico.

Chagas (2013), em sua pesquisa de mestrado, também evidenciou o papel do grupo para os envolvidos:

Ao colocar que o grupo fechado do Facebook permite um controle ao avisar quem visualizou a postagem, (v) somente para grupos com até 250 pessoas, sendo assim, é uma forma de controlar e comprovar se os colegas estão pelo menos entrando no grupo fechado do Facebook. Recurso este que pode ser utilizado pelo docente para acompanhar quem de fato está tendo acesso às postagens e poder incentivar citando o seu nome nos comentários ou postagens, pois assim ele receberá um aviso que você citou ele, o que contribui para a sua participação (CHAGAS, 2013, p. 96).



Um dos discentes envolvidos na pesquisa de Chagas destaca que no grupo fechado é mais fácil manter o foco, pois quem está ali normalmente quer aprender ou ensinar algo: “Tem aquela troca de conhecimento. Na sua *timeline* não, você tá vendo conteúdo, você tá vendo mulher pelada, você tá vendo show, você tá vendo bebida, você tá vendo tudo, você não tem concentração” (idem, p. 97).

Diante do exposto, evidenciam-se as possibilidades do Facebook a partir de seus recursos e por sua interface transparente, tão bem desenhada e fácil de utilizar que a torna invisível, ou seja: os usuários não prestam atenção nela e sim em seu conteúdo (SANTAELLA, 2010). O sucesso de plataformas de redes sociais como Facebook, Blogs, Orkut, Twitter, dentre outros, está relacionado ao desejo de comunicação, de estar presente, de exposição, de participação e de reafirmação de sua existência, que são inerentes ao ser humano e são expressos principalmente nos jovens da geração digital.

Outro ponto diz respeito às práticas dos usuários, que são motivadas não apenas pelo consumo de conteúdos mas principalmente pela participação na produção desses conteúdos, em coerência com os princípios da web 2.0. Ao incentivar seus usuários a verem e considerarem o que seus amigos fazem, pensam e compartilham, o Facebook favorece a sensação de não estar sozinho, de pertinência, de compartilhamento e, retomando o que foi dito no início da subseção 4.2, acerca das redes sociais e a nova ordem comunicacional, através da convivência em grupo, o homem, numa concepção histórica, garante sua sobrevivência e aprimora suas formas comunicacionais. Em suma: ele evolui.

3. EXPLORANDO O FACEBOOK NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Para que um ambiente de aprendizagem seja realmente promissor ao desenvolvimento do aprendiz, este precisa atender aos requisitos mínimos de usabilidade, conforme recomendam Nielsen e Loranger (2007): que utilize uma linguagem clara, seja de fácil utilização e memorização, que apresente um mínimo de erros, que ofereça ajuda eficiente, caso haja necessidade e que possua boa interatividade com o usuário, informando-o de suas ações. Para os autores, tais princípios são fundamentais para a realização de avaliações mais criteriosas da usabilidade de ambientes virtuais e das interfaces que estes apresentam.

Pela facilidade de manuseio e de convergência de recursos audiovisuais, uma plataforma de rede social que disponibilize recursos integrantes de um ambiente de



aprendizagem tradicional, como *chat*, fórum, direcionamento através de *links*, fotos, som, vídeo, dentre outros, possui grande potencial para atuar como ambiente de aprendizagem.

Conforme discutido no tópico anterior, a interface do Facebook é muito fácil de utilizar, o que a torna invisível ao usuário e garante a eficiência e a presença dos critérios estabelecidos por Nielsen e Loranger. Por isso, afirma-se que ela atende às especificidades de um ambiente de aprendizagem, pois possui recursos específicos para interação, compartilhamento de conteúdos, apoio e fácil utilização, mesmo com a constante atualização.

O Facebook já ocupa um espaço importante no processo educacional e o fato de um professor possuir perfil na rede gera maior motivação, afeição, interesse e credibilidade em seus alunos, um passo importante para a construção do vínculo (MATTAR, 2013). Quando o professor, além de possuir perfil na rede, também posta frequentemente mensagens interessantes contendo imagens, textos, charges, vídeos etc., relacionados ao que vem tratando em sua disciplina, o número de alunos que se mostrarão mais interessados em sua aula sobe ainda mais.

Para isso, é fundamental conhecer toda sua funcionalidade e explorar, da melhor forma possível, sua utilização no processo de ensino. O primeiro passo é conhecer sua própria página pessoal, verificando cada aplicativo, conhecendo as ferramentas de configuração, seguido da participação em grupos e páginas, especialmente aqueles voltados para as práticas de ensino, pois nunca se poderá utilizar com precisão uma ferramenta que não se conhece.

Desde que se observem as regras de uso e configurações, o Facebook não oferece maiores preocupações quanto ao aproveitamento por parte dos professores com seus alunos. A primeira regra diz respeito à idade mínima de 13 anos. Se o professor possui alunos com idade inferior a essa, talvez o Facebook não seja a plataforma mais aconselhável, a fim de respeitar as questões éticas implicadas. Caso as turmas sejam compostas por alunos menores de 18 anos, o professor ainda conta com um recurso de privacidade importante, que diz respeito às configurações diferenciadas do padrão para adultos e, portanto, mais rígidas.

Tais configurações podem ser ajustadas em quatro categorias: conexões, compartilhamento, aplicativos/sites e listas de bloqueio. Se o aluno informa uma idade inferior aos 18 anos, automaticamente seu perfil não será público e ele não poderá ser encontrado através de pesquisas em sites de busca. Ainda, enquanto as postagens dos adultos definidas para serem visualizadas por “todos” são realmente visíveis a qualquer um, nas configurações para menores elas aparecerão apenas para seus amigos, amigos de amigos e pessoas de redes de instituições às quais tenha acesso. O mesmo se dá com suas mensagens.



Porém, embora essas configurações sejam automáticas, elas podem ser alteradas pelo menor, portanto, é preciso que ele seja orientado pelos pais e professores a não alterá-las, por motivos de segurança. Outra situação em que tais configurações não terão efeito diz respeito ao fato de que muitos menores registram uma idade superior à sua, identificando-se como adulto.

O professor deve, desde o início, destacar as questões éticas, relacionadas à idade do alunado, como também aquelas que tratam de segurança, privacidade e *cyberbullying*⁴, que devem ser estabelecidas com as turmas e, se necessário, discutidas com a gestão escolar e familiares. No guia Facebook para Educadores (PHILLIPS; BAIRD; FOGG, 2011), há uma proposta denominada cultura da compaixão, relacionada à cidadania digital, que tem como intuito incentivar o respeito e a ética no Facebook e que pode ser promovida a partir do incentivo à denúncia de casos de *bullying*, assédio, de comentários abusivos e /ou inadequados. Os aspectos da cidadania digital apresentados no guia envolvem três componentes:

1. Comportar-se de maneira civilizada no mundo on-line da mesma forma que se espera que você se comporte no mundo off-line. As regras universais de conduta social se aplicam a ambos os ambientes.
2. Comportar-se com responsabilidade e compaixão com suas ações on-line.
3. Cuidar uns dos outros em sua comunidade on-line da mesma forma que o faria em sua vizinhança do "mundo real". Dessa forma, você promoverá uma comunidade on-line saudável e segura (PHILLIPS; BAIRD; FOGG, 2011, p. 8).

Tal prática pode ser empregada em qualquer situação no Facebook, desde postagens em páginas pessoais a grupos ou páginas institucionais e deve ser incentivada pelos professores, inclusive orientando os alunos a informá-los e aos seus responsáveis sobre situações desse tipo, evitando-as e refletindo sobre os efeitos destas sobre outras pessoas, *online* ou não.

Vencidas as questões éticas, outro passo fundamental está relacionado à visão do próprio docente em relação ao seu papel e à sua preparação para lidar com as características dos estudantes das gerações X e Y. Como ele encara a horizontalidade nas relações entre aluno e professor, a descentralização do poder docente na tomada de decisões e o compartilhamento de informações em tempo real, dentro e fora da sala de aula? É preciso

⁴ Forma de agressão intencional e repetida que é feita via web: e-mails ameaçadores, mensagens depreciativas e constrangedoras, fotos e vídeos que expõem a vítima de maneira negativa. Trata-se da versão do *bullying* tradicional na cibercultura.



estar bem seguro das novas atribuições necessárias à função docente e, principalmente, compreender como essa prática repercutirá na aprendizagem.

Mattar (2013, p. 115) aponta evidências de que “as relações entre alunos e professores construídas no Facebook podem gerar um canal de comunicação mais aberto, resultando em ambientes de aprendizagem mais ricos e maior envolvimento dos alunos”, o que já identifica uma nova postura na relação entre eles. Se o professor não se sente à vontade para esse canal comunicativo mais aberto com suas turmas, certamente sentirá maior dificuldade em desenvolver atividades que considerem a horizontalidade nas relações de ensino e aprendizagem, o que seria uma pena, já que há uma melhoria no nível de relacionamento e nas discussões entre os usuários, graças às ferramentas disponibilizadas no Facebook, tais como *chat*, criação de grupos fechados, promoção de enquetes, inserção de arquivos, *links* e mídias diversas.

Pesquisas realizadas a partir de propostas com uso do Facebook têm apresentado resultados proveitosos, tanto no Brasil quanto no exterior, aponta Mattar (2013), destacando a positividade de sua utilização para motivação da participação e discussão entre estudantes. “Em 2011, o Facebook lançou uma série de recursos e orientações para educadores, com a página do *Facebook for Educators* e o guia Facebook para Educadores” (MATTAR, 2013, p. 120), a fim de fornecer orientação e suporte ao desenvolvimento de trabalhos, fóruns e cursos *online* a partir dele.

O fato interessante é que esse guia surgiu justamente a partir de interesses de professores em aprender a integrar o Facebook em seus planos de ensino, com a intenção de canalizar o entusiasmo dos alunos com a plataforma de rede social para cumprir metas educacionais, enriquecer a experiência educacional, aumentar a relevância do conteúdo e incentivar a colaboração efetiva entre os alunos (PHILLIPS; BAIRD; FOGG, 2011).

O guia traz alguns fatos importantes em relação ao uso do Facebook em ambientes de ensino, como, por exemplo, a atitude tomada pela Universidade de Stanford: ao observar que quase todos os seus graduandos possuíam um perfil na rede e que, em contrapartida, não havia nenhuma política sobre esse uso no campus, a Universidade resolveu reunir professores, administradores e pesquisadores para compor um grupo de debate a fim de discutirem estratégias de uso do Facebook e de outras mídias sociais para alcançar as metas da instituição. A proposta deu início à criação de uma política de mídia social no espaço acadêmico, uma estratégia que não só promoveu a atualização da política vigente na Universidade como também instituiu um fórum permanente que se reúne quatro vezes por ano



a partir de então, quando são estabelecidas novas metas e avaliados os resultados relacionados à proposta e ao currículo.

Dentre os trabalhos selecionados para compor o estado da arte desta pesquisa e que utilizaram o Facebook no processo de ensino e aprendizagem em uma relação direta entre professores e seus alunos, destaca-se o trabalho desenvolvido por Bona (2012), relacionado ao ensino de matemática com uma turma do curso técnico de nível médio no Instituto Federal de Osório - RS. As propostas de atividades desenvolvidas por cooperação entre os alunos promoveram avanços significativos na participação e evolução dos alunos no processo de aprendizagem. Além da resolução de atividades, também se propôs a criação de vídeos que foram posteriormente postados na página do grupo, criação de um mural tira-dúvidas e exploração de *softwares* de resolução de questões matemáticas no Facebook e em sala de aula. Os estudantes sistematizaram as atividades realizadas na plataforma através de depoimentos postados em um portfólio específico, enfatizando o processo desenvolvido, mostrando-se satisfeitos com o grupo criado, classificando-o como um “espaço para aprender matemática com os colegas a toda hora” (BONA, 2012, p. 126) e apresentaram um ótimo desempenho na avaliação formal, pois conseguiram resolver todas as questões da prova graças a um ritmo de estudo “*online* por 10 dias, 2 horas por dia”, dentre outros aspectos. Os resultados positivos são fruto de um planejamento coerente, de um objetivo claro entre todos os participantes e do comprometimento com este objetivo, alerta Bona.

Destaca-se na proposta realizada por Bona a criação de um horário estabelecido e acordado entre ela e a turma para atendimento *online*, quando a professora fica à disposição do aluno para dirimir dúvidas sobre temas relacionados às atividades da disciplina.

O trabalho de Paixão (2011) também envolveu estudantes do ensino médio, porém na área da linguagem e produção textual, área curricular comum a esta pesquisa. O pesquisador utilizou o Facebook para produções e recepções textuais, cujos resultados foram, dentre outros:

- Os alunos realizaram as atividades propostas em tempo hábil e sem pressões comuns às atividades realizadas em sala de aula e/ou em tarefas para casa;
- Os estudantes, embora não tenham modificado o estilo de linguagem utilizado no Facebook, procuraram adequá-lo à situação de aprendizagem e ao interlocutor (o professor);
- Os textos desenvolvidos no Facebook foram analisados em sala de aula, o que facilitou a compreensão da proposta argumentativa-dissertativa, diferente de quando se



utilizavam textos de outros autores; o professor também propôs e utilizou outras tipologias e gêneros textuais em sala de aula, a partir de propostas realizadas no Facebook;

- A atividade promoveu a construção do senso crítico entre os estudantes, a partir da produção e análise textuais.

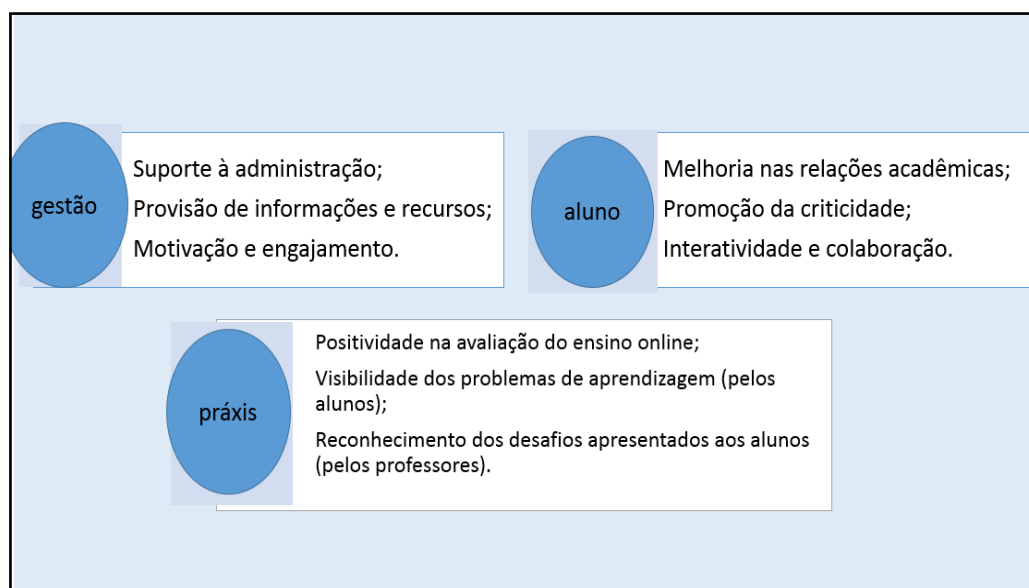
As pesquisas de Amante (2014) revelam que as interações no Facebook com fins de aprendizagem, de usos educativos formais e do contato com a escola são muito restritas, apesar de muitos trabalhos no âmbito acadêmico estabelecerem por objeto a plataforma ligada à educação. O que ocorre é que muitas práticas, embora utilizadas em ambientes educacionais, destacam o lado social. Urgem, portanto, estudos que centrem na aprendizagem formal, que discutam aspectos relacionados ao contexto onde ocorre a aprendizagem (a escola) e algumas questões fundamentais, tais como processo de ensino, currículo, metodologia, fundamentos e práticas. Amante destaca a oportunidade de se oferecer aos estudantes, principalmente na formação universitária, a promoção do pensamento crítico sobre a aprendizagem que tem lugar na universidade.

Mattar (2013, p. 35), baseado em Gagné (1906-2002), apresenta uma lista de pontos a serem observados pelo docente em suas práticas pedagógicas, que podem ser perfeitamente realizados dentro da arquitetura do Facebook: Ganhar a atenção dos alunos; Informar os objetivos da disciplina; estimular os conhecimentos anteriores; apresentar materiais de estímulo; fornecer orientações; fornecer feedback; avaliar e estimular o desempenho; promover a resiliência; aumentar a capacidade de retenção de conhecimentos.

No ensino superior, o uso do Facebook tem se mostrado positivo, mas pesquisas concluem que boa parte das atividades desenvolvidas ainda são voltadas para a conectividade social (SANTAELLA, 2013, p. 321), um papel bastante limitado, quando se reflete sobre as inúmeras ferramentas disponíveis no Facebook para o suporte ao engajamento dos alunos nos estudos. Dentre os pontos positivos destacados por Santaella, destacam-se:



Figura 2: Positividade do uso do Facebook na aprendizagem



Fonte: Elaborado pela pesquisadora com base em Santaella (2013)

Pelos exemplos aqui descritos, destaca-se a criação de grupos como recurso muito eficaz para discussões, compartilhamento de arquivos e materiais específicos para o desenvolvimento de propostas e projetos não só com alunos, mas também entre professores. Por exemplo, um professor da área de Matemática pode pesquisar grupos de pessoas que possuam o mesmo perfil, selecionando aqueles que mais se adequam às suas preferências. Ou ainda, pode ele mesmo criar um grupo de acordo com alguma proposta de trabalho específica do currículo da disciplina e convidar seus alunos para fazer parte. Em suma, “o tema de aprendizagem pode ser qualquer um, o que importa é a maneira como essa aprendizagem se dá” (SANTAELLA, 2013, p. 327).

Marcon, Machado e Carvalho (2012, p. 2), compreendem o Facebook como parte de uma arquitetura pedagógica, o que torna imperativo ao docente da sociedade do conhecimento estabelecer processos educativos que analisem, avaliem e participem da nova lógica comunicacional e interativa proporcionadas pela web 2.0, “estimulando e compreendendo as características inerentes das redes: a participação, a interatividade, a comunicação, a autonomia, a cooperação, o compartilhamento, a multidirecionalidade”.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que um processo de ensino e aprendizagem que explora as possibilidades do Facebook de forma educacional possibilita inúmeras transformações nas formas de ensinar



e aprender, principalmente em relação aos caminhos de aprendizagem dos alunos e das relações estabelecidas no desenvolvimento desse processo. Não basta utilizar o meio, é preciso planejamento. Um exemplo que ilustra bem esta assertiva pode ser exposto pela pesquisa realizada por Brescia (2013), que observou grupos no Facebook criados para fins pedagógicos e entrevistou alunos e professores participantes. A pesquisadora destaca a importância de uma metodologia consistente à proposta de uso do Facebook, pois em alguns casos os professores não se apropriaram plenamente dos recursos disponíveis no Facebook e deixaram de explorar todas as suas possibilidades pedagógicas, o que gerou participação tímida dos estudantes nas atividades, apesar deles estarem sempre presentes no ambiente, para fins sociais. Da forma como se deram as práticas educativas, não houve maior participação dos alunos e, conseqüentemente, o resultado não foi tão positivo como poderia ser.

Para que os resultados sejam proveitosos de fato, é preciso levar em consideração os objetivos que se quer atingir, considerando os novos atributos de aprendizagem e o perfil dos estudantes da atualidade.

Promover e incentivar a motivação do aluno é o primeiro passo na busca por meios de convergir as formas comunicacionais *online* nos processos de aprendizagem formal, mas não deve ser o único. Os professores podem e devem explorar esse potencial, uma vez que seus alunos já integram e dominam esses espaços comunicativos com desenvoltura. É possível não só desenvolver projetos a curto e longo prazo com os alunos, mas também utilizar a plataforma como ambiente de aprendizagem profissional, pois o docente pode criar e acompanhar páginas e grupos para a troca de ideias com outros professores, conhecendo e aperfeiçoando suas propostas didáticas. Na página do *Facebook in Education* ([facebook.com/education](https://www.facebook.com/education)), muitos professores trocam informações, postam seus trabalhos e discutem novas propostas, estabelecem parcerias e analisam aplicativos e recursos para o desenvolvimento de suas aulas. Assim, é possível aprender como utilizar o Facebook de forma planejada, com maior segurança e de forma colaborativa.

REFERÊNCIAS

AMANTE, Facebook e novas sociabilidades: contributos da investigação. In: PORTO, C.; SANTOS, E. **Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar**. Campina Grande: EDUEPB, 2014.

BONA, A. S. **Espaço de aprendizagem digital de Matemática: o aprender a aprender por cooperação**. Tese de doutoramento. Universidade Federal do Rio Grande do Sul –RS, 2012.



BRESCIA, A. T. **Redes sociais e educação: O Facebook e suas possibilidades pedagógicas.** Dissertação de Mestrado em Educação Tecnológica. Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Belo Horizonte - MG, 2013.

CHAGAS, A. M. **A contribuição do Facebook no processo da aprendizagem colaborativa.** Dissertação de Mestrado. Universidade Tiradentes, Aracaju –SE, 2013.

FACEBOOK. **Statistics of Facebook.** 2012. Palo Alto, CA: Facebook. Disponível em: <http://newsroom.fb.com/content/default.aspx?NewsAreaId=22>. Acessado em 20 nov. 2014.

KERCKHOVE, D. Da democracia à ciberdemocracia. In: FELICE, Massimo Di (org.) **Do público para as redes: a comunicação digital e as novas formas de participação social.** 1 ed. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2008. (Coleção Era Digital; v. 1)

MARCON, K.; MACHADO, J. B.; CARVALHO, M. J. S. Arquiteturas pedagógicas e redes sociais: uma experiência no Facebook. In: **Anais do XVIII Congresso Brasileiro de Informática na Educação.** Rio de Janeiro, RJ, nov. 2012.

MATTAR, J. **Web 2.0 e redes sociais na educação.** São Paulo: Artesanato Educacional, 2013.

NIELSEN, J.; LORANGER, H. **Usabilidade na web: Projetando websites com qualidade.** São Paulo: Campus, 2007.

PAIXÃO, S. V. **Produção de textos e letramento digital: interfaces na escola e nas redes sociais.** Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Londrina –PR, 2011.

PHILLIPS, L. F.; BAIRD, D. E.; FOGG, B. J. **Facebook para educadores.** 2011. Disponível em: <https://salaaberta.files.wordpress.com/2014/07/facebook-para-educadores.pdf>. Acessado em: 25 nov. 2014.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

SANTAELLA, L. **Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação.** São Paulo: Paulus, 2013.

_____. **A ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade, ubiquidade.** São Paulo: Paulus, 2010.

SIEMENS, G. **Conectivismo: Uma Teoria de Aprendizagem para a Idade Digital.** Trad. Bruno Leite, 2004. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/66317606/Conectivismo-uma-Teoria-Para-a-Era-Digital>. Acessado em: 04 fev 2014.